

Programa

Jaime Ovalle

"Azulão"

(poema de Manuel Bandeira)

Carlos Guastavino

"Canción del arbol del olvido"

(poema de Fernán Silva Valdez)

Frederico de Freitas ‘Mondego’

(canção da peça “Pedro, o Cru” de Antº Patrício)

“Leda m'and'en”

(poema de Nuno Fernandez Torneol – séc. XIII)

Carlos Gutkin

“Canção do menino”

(poema de Fernando Pessoa)

“Tu que dormes...”

(poema de Pedro Támen)

Joaquín Rodrigo

“Pastorcito Santo”

(poema de Lope de Vega)

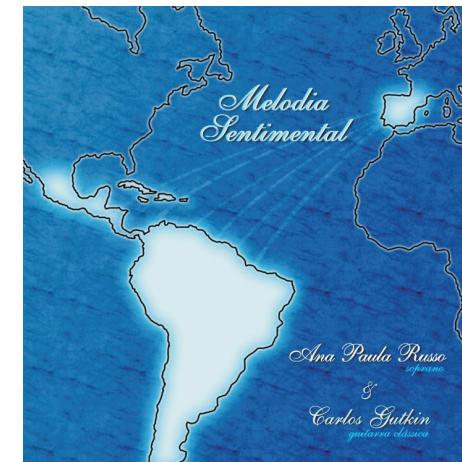
F. Garcia Llorca

“Nana de Sevilla”

“Sevillanas del siglo XVIII”

Recital Ibero - Americano

um percurso em poesia
da Península Ibérica até à América Latina



Ana Paula Russo - Soprano

Carlos Gutkin - Guitarra

design: José Manuel Russo

Semana da Leitura

Biblioteca, 5 de Março de 2008, às 11:45

Esc. Sec. Padre Alberto Neto

Programa - textos

“Azulão” (Manuel Bandeira)

Vai, Azulão, Azulão, companheiro, vai!
Vai ver minha ingrata.
Diz que sem ela o sertão não é mais sertão!
Ai! Vôa Azulão, vai contar, companheiro, vai!

“Canción del arbol del olvido”

(Fernán Silva Valdez)

En mis pagos hay un árbol que del olvido se llama
Al que van a despenarse, Vidalita, los moribundos del alma
Para no pensar en vos, bajo el arból del olvido
Me acoste una nochecita, Vidalita, y me quede bien dormido.
Al despertar de aquel sueño pensaba en vos otra vez
Púes me olvide de olvidarte, Vidalita,
En cuantito me acoste.

“Mondego” (António Patrício)

Mondego, Mondego, o sonho voou
Mas veio a saudade e ressuscitou
Saudade, saudade, és todo o sentir
Eu tenho saudade do bem que há-de vir!

“Leda m'and'eu” (Nuno F. Torneol)

Levad'amigo, que dormides as manhanas frias
Toda l'as aves do mundo d'amor diziam:
“Leda m'and'eu!”

Vós lhe tolhestes os ramos em que pousavam
E lhes secastes as fontes em que bebiam
Vós lhe tolhestes os ramos em que pousavam
E lhes secastes as fontes hu se banhavam.

“Canção de menino”

(Fernando Pessoa)

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno
Pega-me tu ao colo e leva-me
Para dentro da tua casa,
Despe meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer
E dá-me sonhos teus, para eu brincar
Até que nasça qualquer dia,
Que tu sabes qual é.

“Tu que dormes” (Pedro Támen)

Tu que dormes no meu peito,
Sou eu que durmo contigo.
E sendo eu o teu leito, eu te aceito
Por meu mais secreto abrigo.
Não te confundes comigo,
Nem os dois com a manga.
Tão de hoje e tão antigo, meu amigo,
Tão de hoje e de amanhã.
Meu cordeirinho de lã,
Viente e me tens aqui,
Minha estrela Adebarã, temporã,
Não te vi e já te vi.

“Pastorcito Santo”

(Lope de Vega)

Zagalejo de perlas, hijo del alba,
Dónde vais que hace frio, tan de mañana?
Como sois lucero del alba mia,a traer el dia
nacéis primero;
Pastor y cordero, sin choza ni lana,
Dónde vais que hace frio, tan de mañana?
Perlas en los ojos, risa en la boca, a placer y
enojos las almas provoca;
Cabellitos rojos, boca de grana,
Dónde vais que hace frio, tan de mañana?
Que tenéis que hacer, pastorcito santo,
madrugando tanto?
Lo dais a entender, aunque vais a ver
disfrazado el alma.
Dónde vais que hace frio, tan de mañana?

“Sevillanas del siglo XVIII”

(F. García LLorca)

Viva Sevilla!
Llevan las sevillanas en la mantilla
Un letrero que dice:
Viva Sevilla!
Viva Triana!
Vivan los trianeros, los de Triana!
Vivan los sevillanos y sevillanas!
Viva Triana!
Vivan los trianeros, los de Triana!
Vivan los sevillanos y sevillanas!
Lo traigo andado; La Macarena y todo
Lo traigo andado.
Cara como la tuya, no la he encontrado
Lo traigo andado; La Macarena y todo
Lo traigo andado.
Qué bien pareces!
Ay rio de Sevilla,
Qué bien pareces!
Lleno de velas blancas y ramas verdes
Ay rio de Sevilla,
Qué bien pareces!
Viva Sevilla!
Viva Sevilla!